

24 SET 2006

Economia - Brasil

Só o Banco Central recebe uma nota boa

PAULO PAIVA

DO ESTADO DE MINAS

Considerado o l'enfant terrible da área econômica no governo Fernando Henrique Cardoso, o economista Gustavo Franco, um dos colaboradores do Plano Real, ex-presidente do Banco Central (BC) e hoje sócio da Rio Bravo Investimentos, só vê uma saída para o país reencontrar o caminho do crescimento sustentável: um ajuste fiscal que leve ao déficit nominal zero (equilíbrio entre receitas e despesas, incluindo o pagamento de juros). Sem isso, não há como ter juros civilizados ou câmbio adequado. E, para isso, só há uma maneira: cortar gastos. Leia os principais trechos da entrevista.

Avaliação do governo

Usando o padrão americano, daria um "B+" para o Banco

Central (BC) e um "B-" para o Ministério da Fazenda. O resto do governo teria um "C". O diferencial básico é o desempenho fiscal, uma área onde a Fazenda tem mais influência que o BC. E, a despeito de um desempenho razoável, não tivemos progressos nessa área.

Superávit

Precisamos avançar mais para chegarmos ao déficit nominal zero. É uma iniciativa que vem sendo defendida pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e pelo deputado Delfim Netto, e que já obteve apoio até mesmo de pessoas que antes não a compreendiam. A questão fiscal é o centro de tudo. Somente solucionando essa questão conseguiremos manter uma política sustentada de queda de juros e chegaremos a patama-

José Varella/CB - 22/7/03



FRANCO: "NÃO HÁ O QUE INVENTAR. O GOVERNO PRECISA CORTAR GASTOS"

res de Primeiro Mundo. O ataque a essa questão deve ser feito com a tesoura. Não há muito o que inventar. O gover-

no precisa cortar gastos em todas as áreas, e isso é uma questão que depende principalmente da vontade do dirigen-

te máximo do país, que é o presidente da República.

Juros de 5%

Sim (a meta do ministro da Fazenda, Guido Mantega, para 2005, é factível), mas também mostra que falta ambição ao governo. Se o ministro Mantega sinaliza que ficará satisfeito com juros reais de 5%, é uma má notícia. Ela revela que o governo não vai fazer o dever de casa, que é cortar gastos e atacar a questão fiscal. Já temos condições de praticar uma taxa de 6% nominal no overnight (operações de curíssimo prazo no mercado financeiro, realizadas em um dia para serem resgatadas no outro). Mas isso é pouco, e é uma pena que Mantega pense assim. É verdade que essa não é uma questão nova. O governo do qual participei também elevou os gastos públicos. Esse é o grande desafio do próximo governo.

Câmbio

Essa é uma questão estrutural e não de política cambial. O dólar está barato porque tem

entrado em abundância no país. É a lei de oferta e procura. Não se trata de uma política deliberada do governo. A lição que se tira disso é que tem coisas que estão fora do controle. Quando o dólar está entrando em abundância, há muito pouco que o BC possa fazer. Quando eu estava no governo, a grande responsável pela abundância de dólar era a conta de capitais. Hoje, é a repressão às importações. Não é possível ter um superávit comercial de US\$ 45 bilhões (valor de 2005) e, ao mesmo tempo, uma política cambial agressiva para valorizar o dólar. Ou se tem o almoço ou o jantar. Para aliviar a pressão é preciso aumentar as importações, reduzindo a abundância de dólares. É o aumento das importações que salvará as exportações.

Inflação

Pense na inflação como um alcoólatra. Ela ultrapassou a fase aguda e está em período de abstinência. Mas se tomar um copo de cerveja, podemos perder o controle novamente.